



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido por dirigentes de montadoras de veículos e integrantes da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea)

São Paulo-SP, 02 de março de 2010

Se eu pudesse, se a imprensa não estivesse aí, eu ia começar a cantar assim: Eô, eô, a fome é um terror! Para a gente comer logo...

Mas eu quero cumprimentar os companheiros dirigentes da Anfavea,

Quero cumprimentar os companheiros dirigentes da indústria automobilística,

E quero cumprimentar a todos, na pessoa do companheiro Jackson Schneider, que é o nosso presidente da Anfavea.

[Quero] dizer para vocês que esse reconhecimento, eu acho que ele tem que ser estendido ao trabalho extraordinário que fez o ministro Guido Mantega, ao trabalho extraordinário que fez o ministro Miguel Jorge, ao trabalho extraordinário que o Conselho Monetário teve nas discussões para enfrentar a crise econômica, que resultou em uma experiência extraordinária e muito exitosa para o nosso país.

Se nós analisarmos o momento que estamos vivendo hoje – e eu vivo há muito tempo com a indústria automobilística brasileira desde 1969, eu fui ser delegado do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Eu sou dirigente sindical do tempo da Willys-Overland do Brasil, da Chrysler, da Vemag e de tantas outras empresas que já não existem mais. E a quantidade de crise que nós vivemos naquele período, e o que nós estamos vivendo hoje, no Brasil, nós poderíamos dizer que estamos vivendo um momento mágico na indústria automobilística brasileira. Um momento de inteira harmonia entre o governo e a indústria automobilística, entre a indústria automobilística e os



consumidores brasileiros, entre a indústria automobilística e a crença que a indústria automobilística tem demonstrado no futuro do Brasil e nas políticas do governo, que justifica os investimentos que várias empresas estão fazendo hoje, no Brasil.

Eu não vou nominar os investimentos, porque eu tenho medo de esquecer, mas eu acabo de vir de Sorocaba, onde fomos inaugurar uma fábrica de máquinas agrícolas e de máquinas para a construção civil, da Case [New] Holand do Grupo Fiat, em um investimento extraordinário, numa demonstração de confiança na economia brasileira, na agricultura brasileira e na capacidade de exportação do Brasil.

Bem, eu penso, companheiros, que é importante que a gente tire lições do momento que nós estamos vivendo. Vamos analisar o que era o crédito no Brasil, há seis anos. Eu disse agora há pouco, e vou repetir: é que nós tínhamos a imagem de março de 2003, R\$ 381 bilhões de crédito disponibilizado para o conjunto do Brasil. E hoje, somente o Banco do Brasil tem mais do que isso. E o Brasil inteiro tem hoje 1 trilhão, 410 bilhões de crédito, e é pouco. E veja, outro dia eu brincava: precisou tomar posse na Presidência da República um torneiro mecânico que passou 30 anos da sua vida dizendo que era socialista para lembrar aos capitalistas brasileiros que o regime capitalista precisa de capital, financiamento e crédito, senão ele não funciona. Então nós éramos um país de regime capitalista, vivendo em um regime de crédito como se fosse a velha União Soviética, ou seja, sem crédito, sem capacidade de investimento do Estado, sem capacidade de financiamento dos bancos públicos e dos bancos privados. Ou seja, a economia estava totalmente atrofiada. E esse milagre não é só do governo, esse milagre também é de vocês. Porque houve um momento em que nós confluímos para um mesmo pensamento. Vem uma crise... Ora, se vem uma crise, ela vai afetar em primeiro lugar o quê? O setor de exportação, porque a crise era exatamente do lado mais rico da economia. Ora, então o que você tem que fazer?



Fortalecer o mercado interno. Para fortalecer o mercado interno, o que é que você tem que fazer? O óbvio: mais crédito, menos juros, mais prazo para pagamento. Foi isso que aconteceu, ou seja, nós não fizemos nada mais, nada menos do que aquilo que eu disse lá em Sorocaba: fizemos o óbvio.

Quando uma criança está com fome, o que é o óbvio? A mãe dar comida, não é isso? Mas muitas vezes, dependendo da formação da mãe, ela vai fazer um discurso, ela vai inventar um jeito de fazer com que a criança coma sem a presença dela. A criança pode morrer. Foi isso o que aconteceu com o Brasil durante muito tempo. Nós não fazíamos o óbvio, o óbvio, porque entendíamos que tinha coisas mais difíceis para serem feitas. E nós estamos colhendo apenas isso.

Eu lembro que um dia eu chamei o Guido e falei: Guido, eu penso que o governo federal já está em uma situação boa, é preciso que agora a gente desafogue um pouco os estados e os municípios, porque eles foram archoados quando se criou a Lei da Responsabilidade Fiscal, porque era preciso ajustar as contas deles. Mas aquilo foi feito em um momento de crise profunda. Ora, você não pode, dez anos depois, continuar com o mesmo arrojo, sem criar condições de eles fazerem uma pequena obra. Tudo era por conta do governo federal! Então, nós temos que desobstruir, para permitir que os prefeitos possam ir ao Banco Mundial, possam ir ao BNDES buscar 50 milhões emprestados, 100 milhões, para que um prefeito termine o mandato dizendo: “Eu fiz a minha obra”, não a obra da Dilma, não a obra do Lula, mas a obra dele, da prefeitura.

Então, esse processo de desobstrução significou, até agora, quase 180 bilhões de desoneração, desde que nós começamos essa política de desoneração, com a Lei do Bem. Você imagina que no Brasil nós tivemos que fazer uma lei com o nome “Lei do Bem”.

E fazer o óbvio significa, companheiro Arlindo Chinaglia, que nós passamos um ano e meio discutindo o tal de “um computador para todos”. E a



discussão era tão alucinante, que era saber se a gente ia fazer financiamento em 10 ou em 12 meses, 14 ou 24, 30 ou 38, se o juro ia ser um, se ia ser dois, se ia financi... Sabe, uma discussão maluca, que era própria da experiência cultural do Brasil.

Quando nós resolvemos desobstruir, o que aconteceu no Brasil? O computador, que eu considero hoje... Tem quatro paixões na vida de um ser humano e no Brasil. Eu digo sempre: a do homem é casar com uma mulher bonita, a da mulher é casar com um homem bonito, ter uma casa boa, ter um carro e ter um computador. Essas são as quatro paixões. Dê isso para um cidadão e ele não vai nem fazer campanha de oposição com o governo, não vai fazer passeata, manifestação. Ele vai ocupar, sabe... o final de semana é lavando a calota do carro; à noite, até três horas da manhã, na internet. Ou seja, quando ele vai pensar, ele lembra da mulher e lembra do governo, não tem tempo de fazer muita coisa.

Então, nós estamos descobrindo apenas as coisas fáceis que nós não poderíamos ter esquecido. E o momento agora é extremamente importante para nós.

Vocês sabem que eu sou um “fissurado” em que o Brasil ocupe um lugar de destaque no mundo. O Brasil não pode se contentar em ser a sexta indústria do automóvel do mundo, o Brasil não pode se contentar em ser... O Brasil precisa trabalhar sempre, o ser humano tem que trabalhar sempre para ser o primeiro. Se ele não vai ser o primeiro, ele vai ser o segundo, vai ser o terceiro. Mas se a gente se contenta como uma criança que está na escola e ela chega no começo no ano, vai fazer uma prova, ela fala: “Bom, a média... a prova vale 5, mas se eu tirar 2.5, 2.4 ou 5, eu estou dentro da média”. E ela estudar para tirar 2.4 ou 5 [2.5], ela vai tirar 2. Ou seja, nós precisamos sempre trabalhar na perspectiva de atingirmos o máximo.

E veja o Brasil, olhe o mapa do Brasil, olhe as condições dos avanços tecnológicos brasileiros, as condições da indústria brasileira. E olhe o que nós



temos para o lado de toda a América Latina, o potencial dos produtos brasileiros terem acesso a esse mercado. Eu dizia agora aos companheiros aqui. Eu fui à Guatemala agora, a maior alegria do presidente da Guatemala é o Brasil ter conseguido financiar para eles 3,5 mil ônibus para ele renovar toda a frota de ônibus. E nós não estamos vendendo apenas o ônibus, nós estamos vendendo o sistema. Nós pegamos alguns modelos de algumas cidades que têm o sistema de transporte melhor e estamos vendendo o sistema. Nós vendemos do ticket de embarque à descida do degrau.

Ou seja, agora mesmo eu fui a El Salvador e eles querem comprar 4,8 mil ônibus brasileiros. E por que essa gente quer comprar do Brasil se antes eles estavam subordinados apenas à política norte-americana? É porque os norte-americanos também já não têm mais a visão de integração tal como tinha há alguns anos atrás. Hoje, cada um está cuidando de si, por conta da crise econômica. Cada um quer livrar a sua economia. E o Brasil tem uma disposição extraordinária de, primeiro, adentrar o mercado latino-americano... Fizemos uma reunião com os empresários mexicanos para provocá-los de que é uma vergonha o comércio bilateral entre México e Brasil ser de apenas US\$ 7 bilhões. Poderia ser US\$ 20 bilhões, poderia ser US\$ 25 bilhões, porque são quase 300 milhões de habitantes dos dois países, e que, portanto, nós temos um potencial extraordinário. Agora, o México... O mundo é redondo. Eu falei para o Calderón na reunião: Calderón, dá uma olhada no mundo, é redondo! Você não pode ficar com um negócio aqui no olho só vendo os *States* aqui do seu lado. Dá uma olhadinha lá para baixo e veja que tem a América do Sul, tem Mercosul, tem Brasil. Você não pode ficar dependendo dos Estados Unidos, como você está.

Agora, você olha para cá, você tem o continente africano, com um potencial extraordinário para os produtos brasileiros, se a gente acreditar que é possível fazer isso. Porque, veja, a possibilidade de uma ascensão dos africanos, e deles poderem comprar máquinas e produtos mais sofisticados



nossos é mais provável do que os países ricos, que têm tecnologia mais avançada do que nós, comprarem os nossos produtos.

Eu digo sempre o seguinte: eu nunca vi mascate vender roupa na Avenida Paulista. Ele vai em Itaquera, ele vai na Zona Sul, vai em Pirituba, mas, na Avenida Paulista, ele deixa para as butiques. E todas agora estão com um pouco de crise de não pagamento de imposto. Eu vi, no Rio de Janeiro, desmontaram uma ontem.

Então, os desafios estão colocados para nós é não permitir que a gente volte ao passado. Ou seja, daqui para frente é garantir os investimentos, é garantir a política, sabe, trabalhada junto com o governo, para que a gente possa manter a política tributária adequada, a possibilidade de termos produtos competitivos mas, ao mesmo tempo, termos produtos para chegar ao consumidor.

Tem gente já reclamando. Tem gente que está falando: “Puxa vida, você veja em São Paulo, você veja quanto carro! São Paulo, demora uma hora e meia para ir para não sei para onde. Está difícil”. Já tem gente que acha que tem carro demais. Certamente, esse que acha que tem carro demais, deve ter uns três ou quatro na garagem. Porque tem aí pelo menos uns 70% dos brasileiros, ou 80, que ainda tem como sonho ter o seu primeiro carro. E eu sou daqueles que acha que na medida em que a gente colocar mais carros... Quantos carros você tem ali, Chinaglia? Um só? Aquele “véio”, que polui muito, que solta muito gás de efeito estufa?

Pois bem, essa era uma discussão que nós fazíamos na década de 90, de fazer uma renovação da frota. Agora, queremos fazer a renovação da frota de caminhão. Eu não estou contente ainda com o Procaminhoneiro, porque ele não chegou no autônomo ainda, ele chegou apenas nas cooperativas e nas pequenas empresas, mas ele tem que chegar no autônomo, aí é que a gente vai renovar a frota. “Ah, mas onde vai colocar o caminhão velho?” Alguém vai querer comprar aquele caminhão velho, alguém. E, aí, nós vamos conseguir



renovar a frota de caminhões.

Bem, eu quero, Schneider, dizer para você da minha alegria de estar vivendo este momento. Eu, que vivi durante muito tempo em confronto com a indústria automobilística. Aqui, com mais experiência de todos eles, para não falar o mais velho, o Mauro Marcondes, ainda no tempo da Volkswagen, o Pinheiro no tempo da GM... foram brigas homéricas que resultaram em um aprendizado para todos nós. Eu acho que hoje não há nenhuma razão para qualquer indústria automobilística do mundo ter qualquer dúvida a respeito das condições do Brasil e do potencial do Brasil. E acho que o Brasil também não tem nenhum problema hoje para desconfiar, de criar as condições para facilitar a entrada de capital estrangeiro para que isso invista no setor produtivo neste país.

É com essa mentalidade que nós trabalhamos. Acho que o mundo desenvolvido ainda vai demorar um tempo para sair da crise, vocês sabem disso. Vocês sabem que pela primeira vez na história da indústria automobilística, para não falar na história do Brasil, as filiais estão melhores do que as matrizes. Ou seja, são os alunos de antes que vão agora dar aula para os professores de antes de ontem, que pareciam que sabiam tudo.

E a verdade é que o Brasil estava mais preparado, mais consciente e deu os passos mais corretos. Se o mundo tivesse dado os passos que o Brasil deu, o *Lehman Brothers* não teria quebrado, a gente não teria tido o crédito desaparecendo como desapareceu, a indústria europeia não estava na crise, o consumo não estava na crise e... Disse bem, o Schneider: “Enquanto o mundo está desempregando ainda, nós já tivemos no ano passado um bom crescimento do emprego formal”. Este ano começamos janeiro com um número excepcional – 185 mil novos postos de trabalho. Só na indústria com carteira profissional assinada e nós achamos que a tendência natural é 2010 ser um ano excepcional para o Brasil.



Para terminar, eu queria dizer para vocês o seguinte: não acreditem e não aceitem aquela ideia imbecil que se falava neste Brasil: “Ah, se ganhar fulano, vai estragar tudo. Se ganhar Beltrano, vai estragar tudo”. Não existe essa hipótese. Fizem muito terrorismo contra mim durante todas as vezes que eu disputei eleição. Ou seja, mentiram tanto, que um dia o povo não acreditou mais. Não existe possibilidade de quem quer que seja estragar o que está construído neste país. A tendência natural é fazer mais e fazer melhor. E, no momento certo, eu tenho certeza de que isso vai ficar claro para a sociedade brasileira. A eleição não pode mais causar qualquer cenário de terrorismo no Brasil: a bolsa caiu porque não sei quem subiu, a bolsa subiu porque não sei quem... não existe essa possibilidade, não existe. Eu já fui muito vítima disso. Estou terminando o mandato este ano, tive que provar a cada dia que a gente tinha condições de fazer as coisas neste país e hoje eu tenho convicção de que poderíamos ter feito muito mais. Agora, também, em oito anos a gente não pode fazer tudo. Eu espero que quem vier faça muito mais porque nós precisamos crescer, gerar emprego, gerar renda e a indústria automobilística é muito importante para a economia do Brasil.

Boas vendas em 2010. Um abraço.

(\$211A)